

DENTES LIMADOS: A SAÚDE BUCAL DOS ESCRAVIZADOS A PARTIR DOS ANÚNCIOS DE FUGA, PARAÍBA (1850-1888)

Elainne Cristina Jorge Dias

Mestranda em História pela UFPB

Bolsista REUNI

Este artigo trata de discutir as condições de saúde bucal e alterações dentárias dos escravizados na Paraíba (1850-1888) a partir dos anúncios de fuga de escravos em periódicos. O texto é uma reflexão dos dados contidos nos anúncios de fuga, já que estes nos fornecem ricos detalhes com suas marcas e sinais que revelam e possibilitam verificar uma população cativa constantemente atacada por problemas de saúde. Este estudo vai além das informações contidas nos anúncios, uma vez que é fundamental dar relevância aos aspectos étnico culturais, ambientais, às condições sanitárias, aos regimes de trabalho e às dietas alimentares que foram presentes no cotidiano dos escravizados na Paraíba. Estes aspectos foram determinantes para o desenvolvimento de doenças entre os cativos e nos ajudarão, assim, compreender melhor a temática proposta.

A questão da saúde bucal dos escravizados só aparece pelas frestas da história, deixando, assim, muitos pontos a serem resolvidos e questionados. Para Ângela Porto (2006) essa ausência de estudos mais alentados sobre a saúde da população cativa na historiografia talvez seja decorrência da desatenção que o fator da assistência médica à força de trabalho escravo teve ao longo do período em que durou a escravidão no Brasil. Entretanto, nos últimos anos, a produção historiográfica vem sendo enriquecida por contribuições de outras áreas de pesquisas, a exemplo da antropologia social, que permite novas perspectivas de investigação a respeito das condições físicas e de saúde dos cativos.

Além disso, a história da doença dos escravizados e, conseqüentemente, de sua saúde, ganhou espaço na medida em que a historiografia da escravidão abriu caminho para novas abordagens e perspectivas sobre a temática, sobretudo acerca da condição social dos escravizados e de suas formas de luta e resistência ao sistema escravista. Isso porque as condições de cativo levaram a muitos escravizados a terem problemas de

saúde, o que passou a ser um ponto essencial para os pesquisadores que se propõem a discutir as condições de vida da população escravizada.

Paralelamente a esse aspecto, estão os documentos utilizados nesse momento. Hebe Mattos (1997) relatou que, nas últimas décadas, houve uma crescente sofisticação de métodos quantitativos para análise das fontes históricas, a citar as fontes eleitorais, demográficas e cartoriais, dos inventários e jornais, entre outras. Esse fato fez com que os historiadores passassem a recorrer ao escrito, ao ilustrado, ao som, à imagem ou a qualquer outra forma de criação do homem, em uma determinada época, na construção do conhecimento histórico. Nesse contexto, a imprensa, para Marco Morel (2003), tem sido tomada como fonte e como objeto de estudos. No primeiro caso, como suporte para pesquisas e reflexões em áreas diferentes e, no segundo, como o próprio foco dos trabalhos.

Sendo assim, utilizaremos os anúncios de jornais referentes a escravizados fugidos, já que esses nos permite que levantemos algumas questões sobre a saúde da população escrava da Paraíba oitocentista. Todavia, concordamos com a percepção de Amantino (2007) que esses anúncios são amostragens e, como tal, seus resultados não devem ser vistos como absolutos, “além serem elaborados a partir da convivência que o senhor tivera com o escravo antes da fuga” (CARVALHO, 2002, p.259). Porém, por outro lado, isso não diminui a importância desse tipo de documento para estudar a população escravizada, pois, por meio dele, é possível ter uma visão do universo em que viviam. Para Mott (1986), um levantamento sistemático desses anúncios ajuda o pesquisador interessado no estudo da população servil a reconstruir, minuciosamente, inúmeros traços desse segmento que outras fontes como os censos, as cartas de alforria, as matrículas, entres outras, geralmente omitem ou são lacunosas, como o sexo, a cor, a aparência física, a naturalidade, o estado civil, a ocupação, o preço e os antigos proprietários.

Ainda segundo o mesmo autor, isso se deve ao fato de os anúncios de escravizados fugidos serem verdadeiros “retratos falados” que, numa época anterior à fotografia, constituem a imagem que podemos dispor da aparência física e de outras características da escravaria. Assim, por meio desses anúncios, é possível problematizar diversos aspectos do cotidiano e das condições em que vivia a população cativa, na Paraíba, durante a segunda metade do século XIX, e levantar algumas hipóteses a

respeito de suas condições de trabalho e de alimentação, para que possamos chegar a algumas conclusões a respeito das condições físicas e de saúde bucal desses sujeitos.

Isso se deve ao fato de que

considerar a saúde e a doença como realidades orgânicas independentes tanto do espaço e do tempo, quanto das características dos indivíduos e dos grupos atingidos por uma doença, é restringi-las à leitura exclusiva do saber médico e não percebê-las como realidades que dimensões sociais (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2004, p. 29).

Muitos anúncios informam que os cativos apresentavam, em seus corpos, marcas de acidentes de trabalho, como mostra este anúncio:

Ausentou-se no dia 8 desse mez, o escravo Antonio, conhecido como carrapato, com os signaes seguintes: pardo, 58 annos de idade, mais ou menos, estatura mediante, cabelos não muito carapinhos e já bem pintados de branco, dois dedos da mão direita coriados, um pulmão em um dos pés, no qual **tem uma cicatriz, produzida por golpe de machado em ocasião de trabalho no officio de carpina** que é sua profissão, uma pequena fistula no lado esquerdo do rosto, prosista e amante a bebidas espirituosas [...].(*O Liberal Parahybano*, 01/05/1883. Grifos nossos).

De acordo com o próprio anúncio, a cicatriz do escravizado Antônio foi proveniente de acidente de trabalho. Porém, em outros casos, essas cicatrizes relatadas nos anúncios de escravizados fugidos não podem ser identificadas quanto à origem, como o exemplo do cativo Miguel, que, em 1883, fugiu do Engenho Roma, no Termo de Bananeiras, que tinha uma cicatriz próxima à boca, e cuja origem¹ não foi mencionada.

Cabe acrescentar que foram vários os escravizados fugidos que foram descritos como portadores de marcas em seus corpos, conforme demonstra o quadro a seguir:

¹ Jornal *O Liberal Parahybano*, 24 de novembro de 1883.

Quadro 1- As marcas dos escravizados fugidos anunciados nos jornais paraibanos (1850-1888)

| | Nº | % |
|-------------------|-----|-----|
| Com marcas | 43 | 31 |
| Sem marcas | 94 | 69 |
| Total | 137 | 100 |

Fonte: Elaboração própria, a partir das informações contidas nos periódicos da Paraíba (1850-1888) do acervo documental do IHGP, da Casa Fundação José Américo e dos acervos digitais do CCHLA-UFPB e da Biblioteca Nacional.

Como podemos verificar 31% dos escravizados fugidos anunciados possuíam algum tipo de marca em seu corpo, a qual poderia ser resultado desde a algum acidente de trabalho, a exemplo de Antônio citado anteriormente, à marcas deixadas por algum por algum problema de saúde. Esse foi o caso do escravizado fugido Rumão, que ao ser anunciado pelo seu senhor, Salustino E. C. da Costa, foi descrito como portador de uma cicatriz no lado esquerdo do queixo proveniente de uma fistula.² Já o escravizado “mulatinho” de nome Raymundo que fugiu da casa de seu senhor Antônio Maria de Araújo, ao ser descrito no anúncio, constava ter em uma das mãos uma cicatriz em um dos dedos, a qual teria sido resultado de um talho de roda que tirou parte da ponta do mesmo dedo.³

Convém lembrar que algumas destas marcas relatadas nos anúncios não informam sua procedência, ficando assim difícil de identifica-las quanto a sua origem. Além disso, algumas marcas de nações poderiam ser confundidas, pelos donos de escravizados, com cicatrizes. Sobre este aspecto Gilberto Freyre (1963) referiu que as marcas étnicas eram confundidas, quase sempre, com marcas de fogo, que estigmatizavam os escravizados para a vida inteira e que,

² Jornal *A Regeneração*, 11 de maio de 1861.

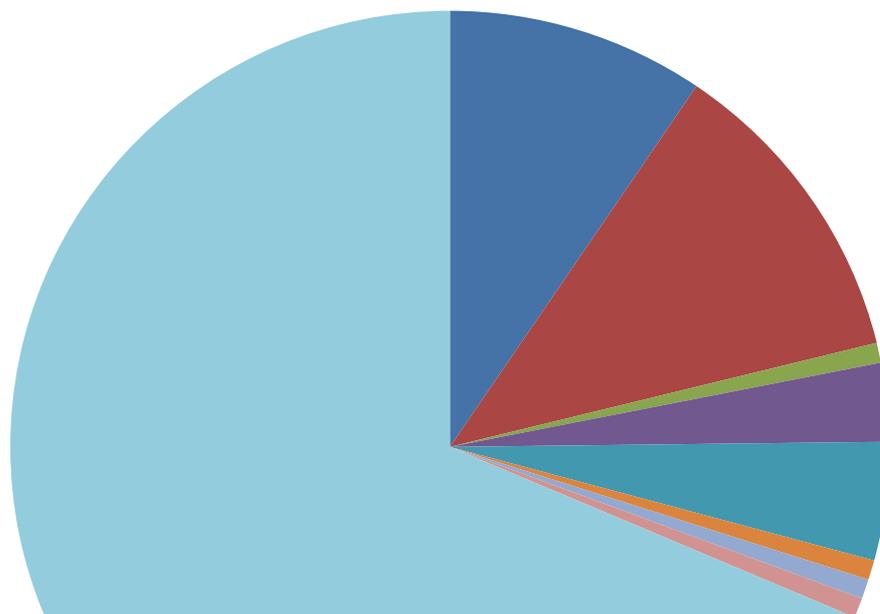
³ Jornal *O Publicador*, 09 de outubro de 1866.

das próprias deformações de corpo que assinalavam muitos escravos fugidos retratados com todos os ff e rr em anúncios de jornais brasileiros do Tempo do Império, deve-se salientar que não eram deformações que os definissem como cacogênicos; e sim deformações que dentro das culturas tribais donde os arrancava o tráfico negreiro, visavam fins estéticos ou objetivos rituais, condicionados pelas mesmas culturas [...] . (FREYRE, 1963, p. 133).

No caso dos anúncios publicados nos jornais paraibanos, no período estudado, nenhum fez menção diretamente de que a marca encontrada no corpo do escravizado fosse de origem étnica. No entanto podemos levantar algumas hipóteses sobre a ausência dessa informação. A primeira seria de uma provável dificuldade, por parte do dono do escravizado, em reconhecer essas marcas. A segunda, a própria faixa etária dos cativos fugidos nesses 38 anos estudados, que era, em sua grande maioria, jovens entre 11 a 40 anos e crioulos – isto é, escravizados que haviam nascido no Brasil.

Porém, as descrições contidas nos anúncios indicam que alguns escravizados poderiam ter tido em seu corpo modificações corporais relacionadas à questões culturais. Uma dessas modificações diz respeito à questão dos dentes. Em muitos anúncios há diversos aspectos ligados à saúde dentária dos escravizados ou à falta de dentes, que poderia, em alguns casos, estar ligada a questões estéticas e culturais desses sujeitos. Vejamos:

GRÁFICO 1- Características dentárias apresentadas pelos escravizados fugidos anunciados nos jornais paraibanos (1850-1888)



Fonte: elaboração própria a partir das informações contidas nos períodos da Paraíba (1850-1888) do acervo documental do IBGE, da casa Fundação José Américo, do acervo digital do CCHILA-UFPB e do acervo digital da Biblioteca nacional.

Conforme podemos identificar, grande parte dos anúncios de escravizados fugidos não nos traz nenhuma informação a respeito das características ou da saúde bucal dos cativos. Entretanto, mesmo com a pequena quantidade de indícios podemos chegar a algumas conclusões sobre este aspecto. Cerca de 12% dos escravizados descritos nos anúncios apresentavam falta de dentes e 9,4% que possuíam dentes limados, ou seja, também a falta de dentes.

Andersen Silva, Diana Carvalho e Sheila Souza (2004) destacaram que as modificações intencionais do corpo consideradas mais frequentes nos africanos são as mutilações dentárias. Sobre esse aspecto, Freyre (1963) afirmou que as alterações dentárias – sobretudo os dentes limados – talvez sejam, entre as marcas de caráter étnico, as registradas em maior número nos anúncios de jornais brasileiros do tempo do império, embora nas que se referem a dentes extraídos faltem os pormenores que lhes dariam verdade antropológica. Essa prática de mutilar os dentes, principalmente os incisivos, ou seja, os dentes da frente é muito antiga, sendo ela observada em alguns restos mortais do período Neolítico. Encontrada em diversas partes do mundo, tal prática existiu ou existe em algumas partes da África, como Moçambique, Congo e

Angola⁴, sendo esta última o lugar de onde vieram muitos indivíduos como cativos para Paraíba.

No entanto, cabe salientar que a perda dentária, em vida, pode ser resultado de diversos fatores, como, por exemplo, a cárie dentária não tratada, que pode ter sido causada pela sacarose presente na cana de açúcar, tão cultivada na Paraíba durante o século XIX. Outro fator que poderia ocasionar, ainda, a cárie dentária seria a falta de higiene e cuidados com os dentes. De acordo com Horácio de Almeida (1978) a higiene dos dentes era feita através da esfregação com o dedo, ao qual se juntava uma pele de fumo ou raspa de juá para fazer espuma. Foi apenas no século XIX que as escovas de dente, que conhecemos hoje, entraram em uso entre alguns setores da população.⁵ Entretanto, no início, devido ao seu alto preço, elas apenas eram utilizadas por famílias de poder aquisitivo elevado, continuando seu uso quase que inexistente entre pessoas de classes sociais mais baixas, como pobres e escravos. Esses fatores contribuíram para prováveis problemas na saúde bucal não só de escravos, mas como na população de maneira geral.

Além disso, a cárie dentária, quando não tratada, pode destruir completamente a coroa do dente, levando conseqüentemente à expulsão da raiz do interior do alvéolo, ou, progredir para uma infecção periopical que resultará na perda do dente comprometido.⁶ Conforme Andersen Silva (2011) isso se deve ao fato da cárie ser um processo infeccioso crônico, que para se desenvolver precisa de três fatores básicos, sendo eles: o microbiota bucal; hospedeiro e substrato (carboidratos, principalmente o açúcar). O substrato é o único que varia significativamente entre os indivíduos, já que está relacionado diretamente com a alimentação.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, o mesmo autor, relaciona as atividades realizadas por homens e mulheres de condição escrava, com a incidência de cáries. Para ele, enquanto os escravos homens desempenhavam atividades de ruas não relacionadas a alimentos, a exemplo de carpinteiros e pedreiros, as mulheres possuíam funções mais

⁴ Sobre a prática de mutilar os dentes, consultar o artigo de Andersen Líryo Silva (2011), *Saúde bucal dos escravos da Sé de Salvador- Bahia, séc.XIX*, mais precisamente páginas 24 e 25.

⁵ Segundo Andersen Líryo Silva (2011, p.34), a escova de dente que conhecemos hoje é uma invenção que pode ser considerada recente, sendo ela produzida inicialmente na Inglaterra, em 1870. O mesmo autor, ainda, os informa que as primeiras escovas só chegaram ao Brasil com a vinda da família Real, em 1808.

⁶ Para saber mais sobre a saúde bucal dos escravos consultar: Silva; Carvalho; Souza (2004), p.269-276.

ligadas ao ambiente doméstico e desta forma próximas aos alimentos, como cozinheiras e quituteiras, além, em alguns casos, de vendedoras de tabuleiros, o que as dava mais oportunidades de terem contato e ingerir o açúcar dos doces que preparavam para seus senhores ou para vender.

Dentro desse contexto, encontramos dois exemplos em nossa documentação que, provavelmente, ilustram bem essa questão levantada pelo autor. Segundo o anúncio de fuga do escravizado crioulo de nome Raymundo, que havia fugido do engenho Capellinha, em setembro de 1867, ele teria trinta anos, aproximadamente, feições regulares e os *dentes perfeitos*. Dando sequência as informações sobre o cativo, o relato ressalta que Raymundo era carreiro⁷ e canoeiro, ou seja, duas atividades que não tinham contato direto com alimentos, o que poderia justificar, então, o bom estado de seus dentes.⁸ Porém, esse não foi o caso da escrava Ellaria, que havia fugido do engenho Oiteiro no início de agosto de 1861. De acordo com seu senhor, Cypriano de Arrochellas Galvão, sua escravizada, ao fugir, representava ter idade de quarenta anos e apresentava como sinais característicos de sua fisionomia a cor de pele preta, estatura regular, olhos vivos, além dos dentes superiores *alimados*. A cativa andava vendendo tabuleiro no momento da fuga, o que nos leva a pensar se ela seria uma vendedora de doces.⁹ Desta forma, esses dentes *alimados* poderiam ser resultado da perda dos dentes em vida, e não de uma mutilação intencional. Todavia, essas são apenas hipóteses já que os anúncios de fuga nos trazem apenas alguns indícios da saúde bucal dos escravizados.

Por outro lado, alguns anúncios informaram que os cativos que haviam fugido apresentavam todos os dentes ou, ainda, que esses eram perfeitos, a exemplo do escravizado fugido Joaquim, que segundo seu senhor, Elias Luiz de França, possuía os *dentes perfeitos*.¹⁰ Andersen Líryo Silva, ao estudar a saúde bucal dos escravizados da Sé de Salvador no século XIX, relatou que a boa condição de saúde dos dentes dos escravizados não era resultado de uma higiene adequada, mas principalmente devido à uma alimentação com baixo potencial cariogênico. Esse aspecto pode ser relacionado, também, a província da Paraíba, que mesmo sendo uma produtora de cana de açúcar,

⁷ Que guiava carros de boi.

⁸ Jornal *O Publicador*, 12 de outubro de 1867.

⁹ Jornal *A Regeneração*, 24 de agosto de 1861.

¹⁰ Jornal *O Publicador*, 10 de maio de 1867.

não possibilitava uma alimentação adequada aos cativos, já que essa, muitas vezes, tinha por base de sua dieta a mandioca e a charque.

Salientamos ainda que alguns anúncios informam outros aspectos relacionados à dentição dos cativos. Conforme o senhor Dario Gomes da Silveira, seu escravizado Manuel, ao fugir do sítio Camunzenze, termo da capital, em meados de junho de 1869, apresentava como sinais característicos a cor fula, o corpo seco, idade de vinte anos pouco mais ou menos, além de ser *meio dentuço*.¹¹ Já o escravizado Querino, que fugiu de seu senhor Joaquim José Soares, possuía além dos cabelos cacheados e pouca barba, um *dentre sobre o outro do lado de cima*.¹² Tivemos, também, casos como o do cativo Zacarias, que ao fugir do Engenho Cotovello, de seu senhor, Edmundo do Rego Barros, possuía os *dentes unidos*¹³ e Manoel, escravizado fugido do Engenho Pindoba, que tinha *um dente da frente quebrado*.¹⁴

Por fim, falar na saúde bucal dos escravizados, a partir dos anúncios de fuga, é observar a condição de vida daquela população, é perceber que fatores como alimentação, trabalho, além de falta de higiene adequada, foram determinantes na presença de problemas dentários. Todavia, convém lembrar que alguns desses “problemas”, a exemplo da falta de dentes, principalmente dos dentes incisivos, podem ter sido causados por fatores culturais e não por cáries não tratadas. Sendo assim, através dos indícios contidos nos anúncios de fuga dos escravizados da Paraíba, pudemos fazer uma análise aproximada das condições da saúde bucal destes, visto que, esses anúncios não visavam comentar os problemas de saúde dos cativos, se limitavam a descrevê-los, já que a intenção era tão somente de capturar o “fujão”.

FONTES

ARQUIVO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO (IHGP)

Fontes Impressas: Jornais

A Regeneração- 1861-1862

A Imprensa- 1858

¹¹ Jornal *O Publicador*, 03 de julho de 1869.

¹² Jornal *O Publicador*, 06 de junho de 1865.

¹³ Jornal *O Publicador*, 02 de agosto de 1865.

¹⁴ Jornal *O Imparcial*, 06 de fevereiro de 1861.

A Opinião- 1877

A Parahyba- 1880

A União Liberal- 1879

Jornal da Parahyba- 1881, 1882 e 1883

O Imparcial- 1861

O Tempo- 1865

O Despertador- 1869

ARQUIVO DA FUNDAÇÃO CASA JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA/ FCJAA- João
Pessoa/PB

Fontes impressas: Jornais

Jornal da Parahyba- 1864, 1873, 1876, 1877 e 1879

Commercial Parahybano- 1860

O Publicador- 1862

Fontes na internet

JORNAIS da segunda metade do século XIX (1850-1888). Disponível em:

<www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/acervo.html>

O Conservador- 1881

O Despertador- 1866 e 1874

O Tempo- 1865

O Governista Parahybano- 1850

O Reformista- 1850

O Liberal Parahybano- 1879, 1880 e 1883

Argos Parahybano- 1853

Diário da Parahyba- 1862

Jornal da Parahyba- 1875

JORNAIS da segunda metade do século XIX. Disponível em:

<memoria.bn.br/hdb/periódicos.aspex>

O Publicador- 1864, 1865, 1866, 1867, 1868 e 1869

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. v.2. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1978.

AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Comércio (RJ). In: *Revista História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1377-1399, Out./ Dez 2007. Disponível em: <www.scielo.br/hcsm/v14n4/14.pdf>. Acesso: 06 de novembro de 2011.

CARVALHO, Marcus. *Liberdade: Rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1922-1850*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

MATTOS, Hebe Maria de. História Social. In: *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: PP&A, 2003.

MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. In: *Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Águas de São Pedro- SP, 1986*. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1986/T86V01A01.pdf>. Acesso em: 11/11/2011.

PORTO, Ângela. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. *História, Ciência, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.13. n. 4, p.1019-1027, Out./Dez. 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/hcsm/v13n4/12.pdf>. Acesso: 15/08/2012.

SILVA, Andersen Líryo. Saúde bucal dos escravos da Sé de Salvador, Bahia- séc. XIX. *Revista de Estudos Afro-americanos*. v.1, n.1, Jan./Jun. 2011. Disponível em: <revista.universo.edu.br/index.php/4revistaafroamericanas4/article/viewArticle/454>. Acesso: 15/08/2012.

SILVA, Andersen Líryo da; CARVALHO, Diana Maul de; SOUZA, Sheila Mendonça de. Saúde dentária dos escravos em Salvador, Bahia. In: *Uma história brasileira das doenças*. Diana Maul Carvalho/ Dilene Raimundo do Nascimento (orgs.). Brasília: Paralelo 15, 2004.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A doença revelando a história: uma historiografia das doenças. *Uma história brasileira das doenças*. Diana Maul Carvalho/ Dilene Raimundo do Nascimento (orgs.). Brasília: Paralelo 15, 2004.